

Cronologia do Azulejo em Portugal

Época	Dados Históricos	Corrente estética / Influências	Técnicas / Paleta Cromática
711 – 716	Conquista total da Península Ibérica pelos muçulmanos.		Alicatado: recorte a alicate de placas vidradas de barro, de cor lisa. Efeito de painel colorido com desenho geométrico.
Séc. XIII- XIV	Primeiras aplicações de azulejo decorativo na Andaluzia – a produção de azulejo na Península Ibérica: Sevilha, Valência, Málaga e Toledo.		Corda seca: gravação do desenho na placa de cerâmica ainda húmida. Obtenção de sulcos, preenchidos a manganês misturado com uma gordura, que garantem a separação dos esmaltes de várias cores durante a cozedura.
Séc. XV	Principais centros produtores de azulejo na Península Ibérica: Sevilha, Valência, Málaga e Toledo.	Azulejaria hispano-mourisca: motivos mouriscos (a estrela Islâmica é muito frequente) que se entrelaçam e repetem em esquemas geométricos radiais, formando um padrão.	
Finais séc. XV / Inícios séc. XVI	D. Manuel I contacta directamente com a azulejaria de Sevilha (1498) > decoração do Palácio da Vila de Sintra > a azulejaria de Sevilha é amplamente utilizada em Portugal.	Maior liberdade formal: inspiração em elementos decorativos góticos. Recorrência ao tratamento naturalista de elementos vegetais. Sugestões arquitectónicas e efeitos dinâmicos.	Aresta ou cuenca: Impressão do desenho sobre o barro ainda cru através de um molde de madeira ou metal. As arestas / saliências conseguidas permitem a separação dos esmaltes durante a cozedura. Esgrafitado: utilização de estilete ou prego para gravação dos motivos decorativos sobre azulejo de esmalte escuro. O corpo cerâmico fica a descoberto. Relevo: marcação de motivos na chacota com recorrência de moldes de madeira ou metal.

<p>Séc. XVI (1ª 1/2)</p>	<p>Início da produção de azulejos em Portugal. Importação de azulejos de caixilho (composição de xadrez e enxaquetadas) a Espanha.</p> <p>Instalação de ceramistas italianos em Antuérpia, transformando-a num dos mais importantes centros de produção de majólica.</p>	<p>Renascimento Italiano – grotescos: pintura decorativa baseada em motivos da Roma Clássica, descobertos em ruínas subterrâneas – as grotte. A figura humanas, seres fantásticos, pársaros, flores, frutos, vasos, conchas, pilastras, volutas... são dispostos em medalhões que se entrelaçam, sem qualquer lógica aparente.</p> <p>Azulejaria Italo-flamenga: composições ornamentais de brutescos e ferroneries.</p>	<p>Majólica: cobertura do azulejo com um esmalte branco. Sobre a superfície cerâmica lisa podem ser pintados os motivos sem que as cores se misturem. Técnica introduzida em Sevilha por Francesco Niculoso (natural de Pisa), ceramista erudito que faz concorrer uma azulejaria figurativa e ornamental de feição renascentista com a tradição azulejaria hispanomourisca.</p>
<p>Séc. XVI (2ª 1/2)</p>	<p>Vinda de ceramistas e oleiros da Flandres, então província espanhola, para a Península Ibérica. Implantação definitiva das técnicas da majólica. Grande actividade dos centros cerâmicos portugueses.</p>	<p>Abandono da herança mourisca</p> <p>Maneirismo: composições eruditas, Início da padronagem de «tapete»: azulejos de padrão com composições geométrica ou vegetalista (destaque para a padronagem «ponta de diamante»).</p>	
<p>Último quartel séc. XVI</p>	<p>Igreja Católica Reformada.</p>	<p>Painéis com temáticas religiosas.</p>	
<p>Séc. XVII (1.ª 1/2)</p>	<p>Aumento da produção nacional: Lisboa como maior centro cerâmico nacional.</p> <p>Painéis com azulejos de registo e de padrão feitos por artesãos (ingenuidade formal e desenho sumário).</p>	<p>Influência oriental (fauna e flora exóticas, figurações da espiritualidade oriental).</p> <p>Frontais de altar; azulejos de padronagem (destaque para o padrão dito de «camélia»); enxaquetados: painéis emblemáticos e hagiográficos.</p>	<p>Cores mais usadas: azul-cobalto e amarelo sobre branco. Também o castanho-alaranjado (óxido férrico); verde azeitona e tons acastanhados e arroxeados (óxido de manganês).</p> <p>Contornos a azul-cobalto.</p>

<p>Séc. XVII (2ª 1/2)</p>	<p>Fim da Guerra da Restauração (1668) > reatar de relações políticas e comerciais com Espanha, França e Países Baixos > recuperação económica e financeira > construção / renovação artística de palácios pertencentes à nobreza.</p>	<p>Renovação temática – a azulejaria como suporte de crítica social: representações com intenção caricatural e irónica (destaque para as <i>singeries</i> ou «macacarias»); temáticas profanas assentes na mitologia clássica; cenas de costume; albarradas; azulejos de «figura avulsa».</p>	<p>Paleta mais rica e variada: recurso a verdes (cobre e crómio) e à pintura com manganês (tonalidade roxa, chamada «cor de vinho»). Substituição dos contornos a azul-cobalto pelo negro-manganês.</p>
<p>Finais séc. XVII / inícios séc. XVIII</p>	<p>Importação de azulejos holandeses historiados. Pintura de azulejo confinada a mestres pintores (pintores de cavaleite com formação erudita > aumenta a qualidade de execução). Azulejaria de autor: <u>Gabriel del Barco</u>. Ciclo dos Mestres: <u>António Pereira; Manuel dos Santos; António de Oliveira Bernardes; Policaroo de Oliveira Bernardes; mestre P.M.P.</u></p>	<p>Barroco: movimentação, expressividade, dramatismo e complexidade. Aprendizagem das regras de representação em perspectiva: espaço desmaterializado / ilusionismo. Azulejaria figurativa.</p>	<p>Azulejaria holandesa a azul-cobalto e roxo-manganês. Grandes painéis a azul e branco: influência da porcelana chinesa de importação; necessidade de simplificar a mão-de-obra permitindo a especialização; aproveitamento das potencialidades pictóricas do azul-cobalto > obtenção de tons esbatidos e carregados para sugestão de volume. O linearismo seguido pelos holandeses dá lugar ao pictórico – gradações expressivas de azul, dramatismo e intensidade de cor. Pinceladas por aguadas, pincelada menos densa.</p>
<p>c. 1725</p>	<p>Grande produção joanina – sumptuosidade, extroversão e teatralidade da corte de D. João V <u>Teotónio dos Santos; Valentim de Almeida; Bartolomeu Antunes; Nicolau de Freitas.</u></p>	<p>Simplificação das partes historicadas; celebração decorativa de enquadramentos (cabeceiras recortadas); recorrência a elementos decorativos como serafins, sanefas, franjas, pilastras... Aparecimento das «figuras de convite».</p>	
<p>c. 1740</p>	<p>Ciclo pré-Terramoto</p>	<p>Transformação do universo bar-</p>	<p>Insinuação da cor: o amarelo</p>

<p>1755 – 1780</p>	<p>Período pós-Terramoto. Crise económica e necessidade de reconstrução de Lisboa. Fábrica em série: Fábrica do Rato (1767).</p>	<p>roco; inclusão progressiva dos elementos rococó: diminuição da importância dos enquadramentos nas composições; perda de densidade dos ornatos; recorrência a concheados assimétricos; «asas de morcego»; volutas; fitas; laçarias; aves; vasos floridos; sanefas; cartelas...</p> <p>Azulejaria pombalina – painéis historiados (registos de fachadas ou «alminhas»); composições ornamentais; incremento da padronagem.</p> <p>Simplificação da ornamentação.</p>	<p>sugere o ouro de trajes e panejamentos da talha dourada.</p> <p>Explosão cromática: recuperação total da paleta de cores.</p>
<p>c 1770</p>	<p>Derradeira fase do rococó</p>	<p>Ornatos flamejantes. Primeiros sintomas neoclássicos.</p>	
<p>1780 – 1808</p>	<p>Período D. Maria</p>	<p>Neoclassicismo: severidade de linhas e depuração decorativa. Recorrência a elementos decorativos do universo neoclássico: pássaros; grinaldas floridas; laços; plumas...</p>	<p>Combinação de técnicas industriais e artesanais. Estampilhagem: pintura à trincha, através de recortes de papel encerado aplicado sobre o vidrado do azulejo. Estampagem mecânica:</p>
<p>Séc. XIX</p>	<p>Utilização de azulejos nas fachadas: criação de novas fábricas em três núcleos: Lisboa, Porto e Aveiro – responsáveis pela produção intensiva do azulejo.</p>	<p>Romantismo e revivalismo: painéis historiados e padronagem diversa.</p>	<p>impressão do desenho por ponteados no vidrado, numa só cor.</p> <p>Alto-relevo: formas enchidas com argila, trabalhadas manualmente por pressão directa dos dedos.</p>
<p>Século XX (1.ª 1/2)</p>	<p>Prática de revestimento parietal com azulejos industriais: estações de caminhos-de-ferro; mercados; lojas, habitações...</p> <p><u>Jorge Colaço; Rafael Bodalo Pinheiro.</u></p>	<p>Historicismo e Nacionalismo (cunho folclorizante). Naturalismo.</p> <p>Arte Nova (formas sinuosas de enorme plasticidade; exploração da cor).</p> <p>Art Déco (geometrização das formas).</p>	<p>Prensagem mecânica (meio-relevo): barro prensado através de molde e contramolde.</p>

(2ª 1/2)	Novas propostas estéticas: azulejo integrado em modernos projectos de arquitectura e de urbanismo. <u>Jorge Barradas; Manuel Cargaleiro; Querubim Laoa; Maria Keil; Eduardo Nery.</u>		
-----------------	--	--	--